

ALTERIDADE ESLAVA EM HELENA KOLODY

Luísa Cristina dos Santos Fontes (UEPG-UFSC)

... uma formação discursiva, no sentido foucaultiano, assim Stuart Hall considera os estudos culturais. Como tal, não apresentam uma origem única, comportando múltiplos discursos, diferentes histórias e conjunturas, abrangente gama de metodologias e posições teóricas em conflito de onde emergem várias possibilidades de sentido. São traços e sombras de outras formações discursivas e históricas, resíduos textuais, seja de textos institucionais, vistos como fontes de poder, seja de uma textualidade como lugar de representação e resistência (cabe aqui pensar nas lições althusserianas). Neste sentido, a abertura à alteridade é constitutiva dos estudos culturais. Constitutiva também de mecanismos identitários. Para Hall, tais elementos residuais e as questões que colocam não podem ser apagados jamais. Por conveniência à análise a se proceder, é bem produtivo repensar a relação entre literatura e cultura, lembrando o que Noé Jitrik (conforme MARQUES, 1999, p. 59) aponta de seu caráter metonímico: a literatura é parte de um todo, a cultura. E nessa relação entre todo e parte pode estar a raiz de muitas de nossas confusões e dificuldades.

Nos últimos anos, tem sido recorrente, na produção literária brasileira, a temática da imigração, em textos que se assumem como portadores de vozes construídas d/neste “entre-lugar”, com uma constituição discursiva marcadamente evasiva. Superando o vislumbre/deslumbre dos primeiros estrangeiros que aqui aportaram, as imagens de seus descendentes subtraem-se em/de direções diversificadas; na contramão da identidade cultural exótica¹ que nos foi conferida pela cultura europeia, construindo-se como um sub-discurso que abre rachaduras nos nossos discursos de fundação.

Numa certa medida, tais textos acabam por construir uma enunciação alternativa resistente ao hermetismo identitário que de algum modo nos era imposto e que se entranhou na própria visão que fazemos de nós mesmos ajudando a estruturar a identidade que, acreditamos, nos distingue. Assim se põem em cheque as identidades que nos eram “outorgadas”, exóticas, estereotipadas, mas que, no entanto, são parte, paradoxalmente, da visão que fazemos de nós mesmos. Tal contexto assiste ao nascimento “de uma narrativa nacional híbrida” que converte o passado nacional “naturalizado” como um tempo e espaço monumentalmente estruturados para todo o sempre, em um presente histórico deslocável e aberto a novas enunciações (BHABHA, 1998). Reconfigurar estas vozes na ordem literária brasileira, fora das esferas canônicas, obriga-nos a uma negociação entre suas várias representações.

Sob esse prisma, pode-se dizer: representação = processo social de representar; produto do processo social de representar (FONTES, 2006). Por amálgama, o termo se refere tanto ao processo quanto ao produto de fazer com que os signos se refiram a seus sentidos. É um conceito útil porque unifica o que, à primeira vista, parece ser uma diversidade desconectada de pedaços conceituais. A representação é o processo de colocar um conceito ideológico abstrato em formas concretas (ou seja, significantes diferentes): pode-se olhar para representações de mulheres, de trabalhadores, da periferia, ou então da família, do amor e da guerra, e ainda do individualismo, da indústria, de classes, e assim

¹ Do grego *eksōtikós*, estrangeiro, principalmente de países não-europeus.

por diante. Por extensão, do estrangeiro, do exilado, do expatriado, do deportado, do refugiado ...

Refugiado

Desembarca,
estrangeiro
e sozinho

Percebe o olhar inimigo
dos que o cercam, ao chegar.
(Mais um com quem repartir.
Mais um que ocupa lugar.)²

Em outras palavras, a representação é o processo social de fazer sentido em todos os sistemas significantes: a fala, a escritura, a imprensa, o vídeo, o filme, a gravação, etc. Aquilo que é representado muda de forma a forma, de tempo em tempo; as próprias representações também mudam. Como consequência, o conceito de representação reforça plenamente a noção de re-apresentação – o refazer e o trazer à vista diferentes significadores para o “mesmo” significado... e produzir significados depende da prática da interpretação. Interpretar é estabelecer limites, fronteiras. Mas não confinar. Irresistível pensar que, neste espaço movediço, línguas, nacionalidades, memórias, identidades se hibridizam. Como se o rio fosse um campo de forças dinâmicas onde as fronteiras exercitam um diálogo criativo.

Longe de serem confinados à margem e à imagem da Utopia de Rafael Hitlodeu, alguns versos da escritora Helena Kolody³ tratam, originalmente, da questão do imigrante. A voz do imigrante está sempre entre outras vozes. Uma margem que está entre outras

² Do livro *Poesia mínima* (1986).

³ Helena Kolody descende de família de emigrantes ucranianos. A opção pelo /e/ em emigrante é da própria Helena (ver. poema Emigrante, do livro *Ontem agora*, uma questão de olhar, de perspectiva, de deslocamento, “de captar o momento da despedida de quem sai da terra natal e não daquele que já está na terra eleita” (SOARES, 2002). Seu pai, Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade Bibrky (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil como menino de 13 anos (1894). Semeon Kolody, pai de Miguel, faleceu na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia no fim do século passado (1893). Nessa ocasião, morreu também sua filha, a menina Marta. Nástia, a mãe de Miguel, que era da família Teodorovytch, não quis ficar sozinha, com filhos pequenos, na Ucrânia. Por isso, emigrou com os parentes para o Brasil, em 1894. Nástia veio com três filhos: Miguel, com 13 anos; João, com 4 anos; e Rosa com 10 meses. A mãe de Helena, Victoria Schandrowska (Szandrowska) (1892-1975), nasceu na aldeia galiciana Yuriampol, perto de Borchtchiw, e chegou com seus pais ao Brasil como moça de 19 anos, em 1911 (KOLODY, 1997). Miguel e Victoria contraíram matrimônio em janeiro de 1912 e estabeleceram-se em Cruz Machado, no Paraná. Aí nasceu em 12 de outubro de 1912 sua primeira filha, a futura escritora Helena, primeira brasileira da família (FERRADA, 2006). A maior parte de sua infância, HK passou na cidadezinha de Três Barras. Terminou a escola pública em 1922 na cidade de Rio Negro, onde sua tia, Rosa Kolody Procopiak era professora. Ela ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano. A juventude de Helena foi profundamente ferida pela morte precoce do pai – um imigrante ucraniano, a quem a filha dedicou comoventes palavras. Circunstâncias difíceis de vida na infância e a perda do pai alertaram a poeta contra tudo que é passageiro e dirigiram-na para uma trilha nômade em busca de uma pátria (SELANSKI, 1997).

margens, ramificação da própria margem, tal e qual observou Luis Alberto Brandão Santos (2000, p. 47-65) no ensaio em que analisa a questão em *Relato de um certo oriente*, romance de Milton Hatoum. “Como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros?”(HATOUM, 1989)

Helena Kolody acrescentou a voz do imigrante à temática da poesia brasileira. A *inscrição* da língua do imigrante se dá no interior de uma outra língua. Bem entendido, a fronteira da nação do imigrante insere-se em uma outra fronteira de nação, mais que jogos de engano, o que se apresenta é o esgotamento da própria concepção de fronteira. O imigrante é aquele que traz à tona a intensidade da certeza de que estar aqui é estar em outro lugar, ou ainda, que estar é sempre uma mediação entre dois espaços, instante que separa e une o estático e o dinâmico, o que pode sugerir um dispositivo de resistência.

A poesia de Helena Kolody capta este momento, bem como o processo de adaptação e acomodação correspondente... A partir da idéia de que na sua poesia os elementos culturais se entrecruzam – e isto resulta na constituição do Paraná, heterogêneo mas homogêneo – tem-se uma visão de uma parte do Brasil de composição diferente daquela dos demais estados (SOARES, 1997, p. 108).

Análogos a tantos outros da literatura contemporânea e especialmente os que tematizam a figura emblemática e contraditória do imigrante, os textos aqui selecionados remetem aos conceitos de identidade, tradução cultural, entre-lugar, memória, metalinguagem, representação, além de outros. Este conjunto projeta refazer o diálogo que os textos de Helena Kolody mantêm com a história e a cultura de seu tempo. Esclarecer um pouco mais sobre um saber construído pela experiência de perdas (incluir a questão de domínio político sobre o território da Ucrânia) para que o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o escopo da insignificância.

Referindo-se ao discurso colonial, Homi Bhabha afirma que “a interioridade e imediatez da voz como ‘consciência em si’, vital ao discurso logocêntrico, é perturbada e dispersada pela imposição de uma língua estrangeira que diferencia o cavalheiro do nativo, a cultura da civilização”. A figura do imigrante nos recorda que tal poder perturbador não ocorre apenas quando uma língua estrangeira se impõe sobre uma língua colonizada. Com efeito, ocorre, também, quando a língua colonizada se insinua nos interstícios da língua oficial.

Analisando alguns movimentos que configuram embates de vozes e contaminações lingüísticas, vamos esboçar como se manifesta, em versos de Helena Kolody, o caráter perturbador das línguas estrangeiras. Como a inerente estranheza das línguas problematiza a noção de identidade.

Através de seus relatos, sobretudo de suas memórias de infância, é possível perceber que o sentimento de exílio sempre a acompanhara: a sensação de estar fora do seu espaço. Ou, ainda, de que não há o seu espaço. Esse sentimento pode ser localizado na cisão de referências que envolve o eu-lírico: de um lado, sua terra natal, o Paraná dos rios e araucárias; do outro, as tradições e a memória da família eslava. O objeto cultural (o poema), como operador de memória, trabalha no sentido de entrecruzar memória coletiva e história.

Lição

A luz da lamparina dançava
frente ao ícone da Santíssima Trindade

Paciente, a avó ensinava
a prostrar-se em reverência,
a persignar-se com três dedos
e a rezar em língua eslava.

De mãos postas, a menina
fielmente repetia
palavras que ela ignorava,
mas Deus entendia.⁴

O contínuo deslocamento entre tais referências cindidas se dá, sobretudo, em função da vivência de duas línguas, o português e o ucraniano, essencialmente diferentes. “*Lição*, foi escrito em memória de minha avó Nastia, em ucraniano, e, depois, em português. É uma cena puramente ucraniana, mas envolvendo uma criança que não tinha consciência disso porque, na verdade, eu não sabia o que significavam aquelas palavras. É bem aquilo da gente ser e não ser ao mesmo tempo.” (KOLODY, 1997)

É importante ressaltar: a semântica do exílio é complexa. É difícil limitar o escopo de seu significado. O dicionário define o vocábulo como expatriação, forçada ou voluntária. Essa definição apresenta uma ambivalência que haverá de ser encontrada em quase todos os estudos e discussões a respeito. Exílio, expatriação, a sinonímia da palavra é variada e inclui, entre outros: expulsar da pátria, degredar, desterrar, banir, extraditar, deportar. Mas também pode significar: afastar, apartar, arredar, e, como reflexivo, afastar-se do convívio social. Existem ainda relações com os termos emigrado e imigrante, geralmente aplicados aos casos de motivação econômica para o afastamento do país. Todas essas nuances do léxico do exílio denotam a ambigüidade das leis e dos sentimentos humanos.

Muito embora os estudos sobre o exílio geralmente enfoquem esse afastamento da terra, em termos geográficos, significa mais do que uma falta de contato com a terra e as casas, é uma condição mental, mais do que material. É possível acrescentar à reflexão sobre o exílio, um novo conceito, o de tempo. Todo “des-terro” implica um “des-tempo”, pois o exilado seria despojado não só de sua terra, mas também dos acontecimentos no tempo que transcorre em seu país, enquanto ele está fora (VOLPE, 2005, p. 82). Também é freqüente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que perdeu.

Exilados

Ensimesmados
olham a vida
como exilados
fitando o mar.

⁴ Do livro *Ontem agora* (1991).

Não estão no mundo
como quem o habita.
Estão de visita
num planeta estranho.⁵

Cada um vive o exílio à sua maneira. Assim como há aqueles que se fecham na saudade da pátria que ficou para trás – isso faz com que se sintam sempre estrangeiros e sofram em dose dupla – a situação do exilado, tanto material quanto psicológica, como colocada por Tabori (VOLPE, 2005), pode ser dinâmica.

Se o espaço natal é hostil à identificação, não se permitindo reconhecer como lugar próprio, lugar de referência, outro espaço passa a seduzir com intensidade: a tradição familiar. Seu desejo de querer vagar entre vozes que escutava e às vezes não compreendia a introduz, através das “lições” dadas por sua avó, no universo da língua eslava. Se a identidade não se erige no reconhecimento de um local de origem, talvez ela possa ser encontrada em um tempo, um passado de origem, uma memória que o aprendizado da língua dos pais e avós possa descortinar.

A voz das raízes

Vozes de estranho som se alteiam em meu canto.
Vibram-me dentro d’alma almas que não são minhas.

Atrás de mim, vozeia e tumultua,
Anseia e chora, e ri, arqueja e estua
A imensa multidão dos ancestrais,
Que me bate e rebate, inexorável,
Como o oceano em ressaca açoita o cais.⁶

Tal aprendizagem representa exatamente isto: o movimento de penetrar em espaços até então desconhecidos. Poder mergulhar em uma nova língua significa ter que nomear novamente todas as coisas. E, nesse processo de nomeação, perceber que elas são outras, têm uma outra existência, um outro sentido. Abarcar o mundo com uma outra memória. Criar um outro universo. No roteiro da rememoração, o espaço passa a adquirir singular relevância. O passado torna-se a morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado. Entretanto, depara-se, sobretudo, com sua incapacidade, enquanto leitor/tradutor, de restabelecer com fidelidade e certeza os nexos de uma língua e de um tempo pretérito.

Ensimesmada neste mutismo multiforme, Helena se descobre estrangeira no espaço e no tempo. Na passagem contínua e sempre tateante de uma língua a outra, de uma cultura a outra, há perda de um centro, de um eixo, de um prumo. Mesmo com uma produção poética clara, se ela não pode ser auto-referencial, como compartilharemos a experiência do outro sem a “contaminação de angústias”? Na impossibilidade desconfortável de imaginar a sua nação, o exílio irreversível.

Imigrantes eslavos

⁵ Do livro *Sempre palavra* (1985).

⁶ Do livro *A sombra no rio* (1951).

Cabeça branca do neto.
Cabeça branca do avô.
Luar noturno e geada,
Que é orvalho da madrugada.

Vão conversando... E se entendem
Numa linguagem difusa:
O mesmo vago sorriso,
A mesma fala confusa.⁷

Helena Kolody (Олега Колодій) se revela poeta da profunda e “tranqüila” dramaticidade de um ser trans-plantado. Para todas as criaturas telúricas, com forte consciência de suas raízes, o transplante, como o amor não consumado ou a maternidade não realizada (questões tangenciadas em entrevista a Paulo Venturelli), torna-se recorrentemente fonte de saudade e sofrimento. Leminski (1985) ainda destaca: Viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação. A poeta é consciente da correnteza atávica, com ressonâncias de costumes ancestrais, que a une ao estrato de seus antepassados. As experiências vividas por eles somam-se às suas próprias e ganham contornos próprios. “Imigrantes eslavos”, por exemplo, é um “quadro chagalliano em que a poesia recupera a paisagem humana do *Brasil diferente*” (MARTINS, 1994).

Estabelecer fronteiras é impor limites, distinguir o aceitável do inaceitável, definir em que ponto a tolerância vira intolerância. Se a nação se apresenta enquanto comunidade, o estabelecimento das fronteiras se dá, primordialmente, no seu interior, entre os corpos que a constituem. A imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade somente compreensível na movência de um constante reconfigurar-se. As imagens elaboradas pelo imigrante participam, paradoxalmente, da construção de identidades, num entre-espço cultural extremamente rico se assumido como sabido (participio de *saber*) de si e do outro. É difícil que as criaturas que não nasceram como cidadãos desta terra e permanecem nela como “emprestados” encontrem felicidade terrestre, realização. Seu destino é a solidão. “A angústia secular de uma raça oprimida” (verso de *Atavismo*). Esta angústia secularizada sinaliza os elementos oriundos de um passado distante que se revelam em seus textos (SELANSKI, 1997).

Atavismo

Quando estou triste e só, e pensativa assim,
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim.
A angústia secular de uma raça oprimida
Sobe da profundidade e turva a minha vida.

Certo, guardo latente e difusa em meu ser,
A remota lembrança dos dias amargos
Que eles viveram sem a ansiada liberdade.
Eu que amo tanto, tanto, os horizontes largos,
Lamento não ser águia ou condor, para voar

⁷ Do livro *A sombra no rio* (1951).

Até onde a força da asa alcance a me levar.
Ante a extensão agreste e verde da campina,
Não sei dizer por que, muitas vezes, senti
Saudade singular da estepe que não vi.

Pois, até o marulhar misterioso e sombrio
Da água escura a correr seu destino de rio,
Lembra, sem o querer, numa impressão falaz,
O soturno Dnipró, cantado por Tarás...

Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade,
Acordada em meu sangue, a tara da saudade⁸

Em algumas poesias, começando pela primeira coletânea de 1941 (*Paisagem interior*), Helena frisa claramente sua conexão sangüínea e espiritual-atávica com a pátria de origem, a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta. Aquela pátria original com seu povo sofredor e sedento de liberdade acorda na alma da poeta, na lembrança de seu sangue, um sentimento pungente de dor, de sofrimento. “A alma dos ancestrais sofre e chora em mim”. Porém, a imaginária paisagem ucraniana “estepes de urzes floridas”, “bosques de bétulas”, o “Dnipró⁹ cantado por Tarás¹⁰” e os cânticos ucranianos enchem a poeta com saudade antiga e aquecem seu coração com ternura e alegria (HEC, 1987).

As teorias de nosso tempo vêm no papel das assim chamadas minorias uma possibilidade de contestação da abordagem historicista, linear da nação, fazendo-a escapar do constrangimento territorial e da estereotipia da identidade única e homogênea. Nesta virada de século, encontramos-nos num momento de trânsito em que figuras complexas de diferença e alteridade se formam a partir de metamorfoses espaço-temporais, encurtando distâncias e acelerando o tempo. O “imigrante”, com sua língua madrastra, de prótese, uma dicção que indubitavelmente expressa o outro e o mesmo – seus/nossos sonhos, sua/nossa cultura, seu/nosso imaginário – erige-se como figura singular para conceitualmente captar estes espaços/tempos contemporâneos e o compósito mestiço da nação. Desvirtua, desta maneira, um pouco do mito (atribuído a Gilberto Freyre) de que no Brasil há uma democracia racial.

Reencontramos assim, para finalizar, o pensamento de Homi Bhabha (1990), na proposta de uma nova articulação de fronteiras: “Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial”. Propõe, desta maneira, uma geografia sem limites, híbrida. Na articulação de regiões, não-geográficas, a-tópicas, no exercício de transgredir fronteiras, entre rio e suas margens, esboça-se o gesto de ser brasileiro/americano, o sentido, então, revela-se. A certeza que se evidencia, em todo caso, é a concepção de um espaço de desdobramentos, de deslocamentos e retomadas, de

⁸ Do livro *Paisagem interior* (1941).

⁹ Em *Viagem no espelho*, Kolody alterou o nome do Rio Dnieper por Dnipró (nome atual do rio que atravessa a Ucrânia).

¹⁰ Tarás Cheutchenko (1814-1861): poeta-mártir ucraniano, que viveu grande parte de sua vida encarcerado em virtude de sua pregação em prol da liberdade do povo e da pátria.

conflitos de regularização...espaço que pode ser problematizado como Estado (por exemplo, a Ucrânia) ou como espaço de resistência ou ruptura. Tais fontes concebem uma gênese que busca elaborar seus novos processos de territorialização. “El Estado crea el mapa y el mapa crea la nación. Cuando las fronteras estén delimitadas, los sentidos y, por tanto las identidades, serán finalmente normalizadas” (MONTALDO, 1995).

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura*. V. 1. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Org. Willi Bolle. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrativa and the margins of the modern world. In: _____. (Ed.). *Nation and narration*. Londres: Routledge, 1990, p. 291-322.
- _____. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- _____. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FERRADA, Olga Kolody Muñoz. Entrevistas concedidas a Luísa Cristina dos Santos Fontes, em 7 e 14 de dezembro de 2006, em seu apartamento na Voluntários da Pátria, Curitiba.
- FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Resenha apresentada em sala de aula durante o curso *Literatura e cultura de massas*: debates sobre cultura e poder. Ministrado pela Profa. Dra. Claudia Lima Costa. Ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, segundo semestre de 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HEC, Nicolas. Helena Kolody: biografia. In: KOLODY, Helena. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilíngüe: português e ucraniano]
- KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*. Curitiba: BPP/SECE, 1986.
- _____. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988.
- _____. *Abertura*. In: REZENDE, Tereza Hatue de (org.). Helena Kolody: sinfonia da vida. Curitiba: DEL/Letra Viva, 1997. p. 9-13.
- _____. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilíngüe: português e ucraniano]
- LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 26 de junho de 1985.
- MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Culturas, contextos e discursos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999. p. 58- 67.
- MARTINS, Wilson. Poetas do Paraná. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de março de 1994. Idéias.
- MONTALDO, Graciela. Espacio y nacion. In: *Estudios*. Revista de Investigaciones Literarias. Caracas, 1995.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1955.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (orgs.) *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFMG; Nelam/FALE/UFMG, 2000.
- SELANSKI, Wira. Peregrinação pela poesia de Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilíngüe: português e ucraniano]
- SOARES, Marly Catarina. *Helena Kolody: uma voz imigrante na poesia paranaense*. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 1997.
- _____. Entre dois mundos: a poesia de imigração de Helena Kolody. In: SANTOS, Luísa Cristina dos (org.). *Literatura e mulher: das linhas às entrelinhas*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002. p. 105-120.
- SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. p.113-133.
- VENTURELLI, Paulo. Helena Kolody. *Série paranaenses*. n. 6. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.
- VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.